



## **Sino-imperialismo: estudo crítico sobre o crescimento econômico chinês e o sistema mundial**

**Glauber L. Xavier<sup>1</sup> (PQ)**

Universidade Estadual de Goiás

Este projeto de pesquisa tem como objetivo promover o estudo crítico do crescimento econômico chinês e o sistema mundial. Ou seja, analisar criticamente as transformações que têm ocorrido no mundo contemporâneo e sua relação com o projeto chinês de integração de mercados, expansão de seu comércio, formação de oligopólios em escala planetária etc. Além disso, visa promover uma reflexão crítica sobre os rumos da geopolítica mundial. Se a segunda metade do século XX foi marcada pela hegemonia estadunidense, promovendo seu imperialismo de mercado em várias parcelas do território-mundo, as primeiras décadas do novo século têm sido marcadas pelo expressivo crescimento do produto chinês e, com isto, seu poder econômico e político.

Palavras-chave: Imperialismo. Hegemonia. Geopolítica.

### **Introdução**

Em nossa perspectiva, não cabe questionar se a transição para uma nova ordem mundial será beligerante ou pacífica, se a China terá, ou não, condições de liderar ou, pelo menos, ocupar centralidade numa nova ordem a ser caracterizada pelo multilateralismo, como fazem alguns autores, a exemplo de Stuenkel (2019). A economia chinesa está integrada ao capitalismo, dela faz parte, ainda que o regime político seja distinto das principais economias mundiais. Discordamos inteiramente das perspectivas teóricas que afirmam que o modelo chinês é socialista, ou, num esforço de considerar sua integração ao capitalismo cunharam a imprecisa, porém sedutora, definição de “socialismo de mercado”, como Gabriele e Schettino (2012) e Jabbour (2019).

Seu sistema político poderá favorecer seu processo de expansão e ampliação de seu poder, como poderá, em determinados aspectos, impedi-lo em nome dos interesses internos. O que cabe compreender é que está em curso a gestação de um novo imperialismo por parte da China, em nada distinguindo do imperialismo estadunidense no que tange seus propósitos, ainda que possa ser distinto em relação

---

<sup>1</sup> glauber.xavier@ueg.br





às estratégias. Tal qual o imperialismo estadunidense, as ações perpetradas pela China na economia-mundo tem reforçado a emergência de um sino-imperialismo, destacadamente a sua atuação em relação aos países periféricos.

O estudo crítico visa: evidenciar que o modelo chinês é capitalista, não importando a vigência do partido comunista e algumas especificidades de seu modelo político; que este modelo é tão autoritário e violento quanto o modelo liberal burguês ocidental; que naquele país emergiu uma burguesia, a qual não diverge das demais burguesias e que tem um projeto mundial de expansão de seus negócios e de acumulação de capital; que o projeto chinês é o de promover a integração entre as economias periféricas, e mesmo algumas economias desenvolvidas, segundo as demandas de sua economia doméstica. Ou seja, que a divisão internacional do trabalho, as finanças e o comércio têm sido parcialmente alterados segundo suas diretrizes.

A realização deste estudo visa, ainda, conduzir algumas desmistificações: primeira, a de que a ascensão da China repercutirá em benefícios mundiais, afirmação desprovida de fundamento; segunda a de que esta ascensão implicará na emergência de novas premissas para o sistema interestatal e que tais premissas seriam, a rigor, mais benéficas do que as vigentes. Parecer haver um certo otimismo por parte de alguns analistas e estudiosos, mesmo daqueles que reivindicam o pensamento de esquerda como perspectiva teórica, acerca das possíveis transformações decorrentes da ascensão chinesa.

Isto talvez ocorra como efeito da posição crítica à hegemonia estadunidense. Mas reconhecer que o imperialismo norte-americano significou opressão, domínio e exploração em relação a boa parte do mundo não pode ser argumento para a crença numa hipotética nova ordem mundial sob o domínio da China e, por isto, supostamente mais pacífica e próspera para muitos países.

### Material e Métodos

Metodologicamente, a pesquisa será conduzida segundo os pressupostos do materialismo dialético. Três correntes teóricas, oriundas do pensamento marxista, fornecerão os aportes conceituais para a pesquisa: 1) a teoria do sistema-mundo,





postulada por Arrighi e Wallerstein; 2) a teoria marxista da dependência, criada por Ruy Mauro Marini; Theotonio dos Santos e Vânia Bambirra, principalmente e 3) o marxismo original ou marxismo autogestionário. A primeira permitirá compreender o lugar do modelo chinês no moderno sistema mundial. A segunda fornecerá subsídios para a discussão sobre as relações entre a China e os países periféricos. A terceira garante as condições para o exercício da crítica radical ao modo de produção capitalista.

Para a condução da pesquisa, serão adotados os seguintes procedimentos: ampla revisão bibliográfica (livros, teses, dissertações e artigos) que versem sobre a temática e assuntos correlatos; coleta de dados (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe ; Banco Mundial; Fundo Monetário Internacional, dentre outros); consulta a documentos (acordos comerciais) e reportagens jornalísticas que versem sobre os assuntos da pesquisa em veículos de grande circulação.

## Resultados e Discussão

Assim, considera-se que a expansão do capitalismo chinês resultará no fortalecimento de seu projeto imperialista, o que permitirá que este país reúna poderes econômicos e políticos em face das disputas com outras potências mundiais, especialmente os EUA.

Serão inevitáveis os conflitos e alguns eventos podem sustentar essa afirmação. Os conflitos são inerentes ao modo de produção capitalista. Eles se dão em virtude da disputa por possessões e/ou comando de territórios, por questões étnicas e religiosas, mas que tem, em seu cerne, uma explicação de ordem material. (LUXEMBURGO, 2021; WALLERSTEIN, 2001). Durante o século XX ocorreram vários conflitos tendo os EUA como promotor e principal interessado. Fazia, como segue fazendo parte de suas estratégias, a espoliação de recursos naturais e minerais naqueles países que deles dispõem em abundância.

Com a China não tem sido diferente. Lançando mão de estratégias diplomáticas, ela tem, via grandes companhias empresariais, estatais ou não, adquirido minas de cobre, terras em grande quantidade, reservas de outros minerais (petróleo, gás,





metais escassos), em várias partes do mundo. Isto tem se dado, sobretudo, em países pobres ou periféricos, como é o caso dos países africanos e na América-Latina. A China também tem promovido investimentos nos Estados Unidos e na Europa, além do próprio continente asiático. Ainda que suas estratégias sejam distintas daquelas utilizadas pelos EUA, os propósitos são os mesmos.

Prova disso é a própria interdependência entre a economia chinesa e a estadunidense. A China é o segundo maior credor estrangeiro dos norte-americanos, detendo mais de 1 trilhão de dólares em títulos do tesouro dos EUA. Como tem sido bastante noticiadas, as relações diplomáticas entre esses dois países têm sido um tanto conturbadas, o que se agravou durante a administração Donald Trump e após a pandemia de Covid-19. (XAVIER, 2021). Contudo, diante das contendas políticas, os interesses econômicos prevalecem e ambos seguem sendo parceiros em muitos aspectos.

Isto não significa, contudo, que conflitos não façam parte das alternativas geopolíticas de que dispõem estes países. É claro que, pelos próprios custos e desgastes, em geral eles são a derradeira escolha. Atesta essa possibilidade a ampliação dos gastos militares estadunidenses e chineses nos anos recentes<sup>2</sup>, ademais do fato de que a China possui armas nucleares e é membro do Conselho Permanente de Segurança da ONU. Como é sabido, o leste asiático, e mais precisamente a região do Mar da China Meridional, tem sido palco de tensões envolvendo principalmente a China e os EUA, o que poderá, no médio prazo, resultar em guerras.

É importante o estudo de como se deu a gênese do atual modelo chinês, tendo sido a abertura econômica promovida por Deng Xiaoping e a constituição das Zonas Econômicas Especiais a partir de 1980, um aspecto fundamental. O principal objetivo das ZEE era a produção de manufaturas visando o mercado estrangeiro. Acerca da constituição destas empresas, Fernandes e Wegner (2018, p. 37) afirmam que: “Além do aumento das atividades criminosas nas ZEE e das tensões causadas no seio do

---

<sup>2</sup> Ver: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/02/gasto-militar-tem-maior-aumento-da-decada-no-mundo.shtml>>





PCC, ao longo do tempo criou-se uma burguesia sólida.” A racionalização dos processos de produção, o emprego massivo de trabalhadores saídos do campo e a adoção de uma série de medidas, como a promoção de infraestrutura, medidas fiscais, dentre outras, propiciaram o rápido desenvolvimento das ZEE.

A China sob o comando do Partido Comunista instaurou o taylorismo em sua genuína expressão e passou a explorar seus trabalhadores da mesma maneira como em qualquer país capitalista. Nesse particular, em nada deixou a dever quando comparado como o inautêntico comunismo soviético, o qual inaugurou o taylorismo de Estado. (TRAGTENBERG, 2008). De igual maneira, no interior da esfera estatal houve uma fundamental transformação, qual seja, a conversão da elite dirigente do partido numa burocracia de caráter capitalista. Tal transformação constituiu uma formação socioeconômica bastante singular no interior do modo de produção capitalista, a qual Rousset (2014) denominou de “capitalismo burocrático”.

É inegável que esse “capitalismo burocrático” propiciou aos governantes chineses um modelo bastante original no tocante às relações entre Estado e capital, o que tem assegurado o planejamento econômico de longo prazo. Em nossa análise isto não permite afirmar que aquele país não seja capitalista. Em certos momentos de seu desenvolvimento, o capitalismo requer que o Estado assuma suas principais funções. Ainda que a China tenha alcançado altos patamares de crescimento econômico e promovido a melhoria de condições de vida de sua população, cabe refletir sua posição no sistema-mundo e como este crescimento tem implicado no recrudescimento da pobreza e da miséria em países periféricos.

Corroborar a hipótese de um sino-imperialismo a vigência e/ou aprofundamento dos laços de dependência das economias periféricas em relação à China e, portanto, a reprodução de um padrão de acumulação baseado nas exportações de produtos primários. (OSÓRIO, 2012). Este parece ser o caso dos países latino-americanos em sua maioria, cuja dotação de recursos naturais e de força de trabalho barata atende aos interesses da acumulação de capital por parte da China. Mas parece ser, também, a situação das economias africanas e demais economias mundiais de reduzida importância. Outro elemento que seguramente corrobora a hipótese de um sino-imperialismo trata-se dos grandes acordos comerciais recentemente firmados.







Destaque-se a assinatura, no dia 15 de novembro de 2020, do Regional Comprehensive Economic Partnership (RCEP). Dele fazem parte os dez países membros da Associação de Nações do Sudeste Asiático (ASEAN), juntamente com a China, Japão, Coreia do Sul, Austrália e Nova Zelândia (CARNEIRO, 2014). As quinze nações da Ásia-Pacífico respondem por cerca de um terço da população e da economia mundial, dados que poderiam ser significativamente maiores caso a Índia não tivesse optado por se retirar das negociações do RCEP. O RCEP trata-se do maior bloco de livre comércio do mundo e, por meio dele, analistas avaliam que a China consolidará uma posição dominante na região Ásia-Pacífico. A prática do livre comércio pode coadunar-se à política imperialista, como

Nas palavras de Manzi (2018, p. 279): “O desempenho da economia chinesa acabou transformando o país não apenas em uma potência do mundo emergente, mas sim é o principal fator que explica o processo de transição uni-multipolar do sistema internacional.” Não se pode ignorar o fato de que a ascensão chinesa tem promovido rearranjos na ordem global, estabelecendo convergências entre Estados nacionais até então pouco representativos no plano da diplomacia mundial. Contudo, cabe reconhecer que com esta ascensão a China tem ocupado posições cada vez mais privilegiadas, dado o seu expressivo crescimento econômico, o que garante um amplo espectro de manobras econômicas e estratégias geopolíticas.

Isto é o que tem ocorrido em relações às suas empresas, mas também em relação aos seus acordos e às instituições de que tem feito parte. Prova inconteste tem sido tanto a relevância dos investimentos recebidos pela China quanto daqueles que ela tem feito em outros países nos marcos da *going global strategy*. (XAVIER, 2019). Cabe destacar, ainda, a importância do Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura (BAII), o qual foi oficialmente criado em 2016, e coloca-se como uma alternativa ao Banco Mundial. O Banco, de caráter multilateral, teve um aporte inicial de US\$ 100 bilhões e possui atualmente mais de 70 membros efetivos, como o Reino Unido e a Alemanha, e outros tantos em potencial.

Outra iniciativa bastante relevante trata-se do Cinturão Econômico da Rota da Seda (Belt and Road Initiative), também conhecida como Nova Rota da Seda. Criado em 2013 ele tem como meta a criação de ampla rede de infraestrutura marítima e





terrestre interligando vários países da Ásia, da África e da Europa. A rota possui notória importância estratégica e prevê vultosos investimentos em rodovias, ferrovias, portos, usinas elétricas, dentre outros. Ainda que se reconheça que tais iniciativas estabeleçam novas diretrizes para as relações internacionais, elas não implicam na destruição do modo de produção vigente.

Em verdade, elas permitem o desenvolvimento das forças produtivas chinesas e concorrem para a emergência de uma ordem mundial em parte concebida segundo suas necessidades. Estaria em curso a constituição de um sino-imperialismo, não necessariamente semelhante ao imperialismo norte-americano no tocante às suas estratégias, mas em busca dos mesmos objetivos: ampliação dos lucros; acumulação de capital e de poder. Compreende-se que o acúmulo de poder foi imprescindível para o desenvolvimento do capitalismo e na garantia das chamadas hegemônias do capitalismo histórico (FIORI, 2005; ARRIGHI; 1996).

### Considerações Finais

Com a ascensão chinesa parece ter início um novo ciclo sistêmico de acumulação e a constituição de uma nova geografia política do comércio mundial. (ARRIGHI, 1996; 2008). Assim como os sucessivos ciclos sistêmicos se diferenciaram uns dos outros, um novo ciclo, por suposto, trará consigo novos elementos. Tais elementos poderão ser: uma postura mais flexível por parte da China em relação a seus parceiros, bem como a ausência de um apelo ideológico tal qual os Estados Unidos sempre fizeram em relação a doutrina liberal burguesa. Para alguns autores esta postura singular por parte da China estaria ensejando um “Consenso de Pequim” (SLIPAK, 2014), em contraposição ao “Consenso de Washington”.

Em todo caso, toda dominação requer instrumentos ideológicos. Por esta razão, além das outras arroladas, é que se propõe esta pesquisa. Mas também, e sobretudo, pelo propósito de se promover algumas desmistificações, entendendo que: o sino-imperialismo reforçará o nacionalismo; contribuirá para a fragmentação da classe trabalhadora em nível mundial; promoverá processos de exploração da força





de trabalho em altos níveis a fim de compor a taxa média de lucros de suas empresas; fortalecerá o Estado chinês, cooperando para os nacionalismos e suas ideologias. Distanciará, ainda mais, as condições para a emancipação universal do proletariado, a superação da sociedade de classes, do Estado e da propriedade privada. Nas palavras de Korsch (2020, p. 94-95):

A autêntica meta final da luta proletária de classes não é um determinado estado, por “democrático”, “comunal” ou “conselhista” que seja, mas a sociedade comunista sem classe e sem estado, cuja forma de conjunto não é representada por tal ou qual poder político, mas por essa ‘associação na qual o livre desenvolvimento de cada um é condição necessária para o livre desenvolvimento de todos. (Manifesto Comunista).”

A autêntica meta final de que trata Korsch consiste na livre associação dos produtores ou na autogestão da produção por parte dos trabalhadores. Tal meta em nada se assemelha às experiências que reivindicaram o comunismo. (VIANA, 2016). Muito pelo contrário. A emancipação total da classe pressupõe o fim da burocracia, isto é, de todos os instrumentos e ferramentas por meio dos quais se estabelecem hierarquias e extirpam, dos trabalhadores, os meios para a tomada de decisões e a definição – coletiva – dos rumos de suas vidas. Assim, a autogestão consiste na garantia de liberdade absoluta aos trabalhadores de todo o mundo, o que implica na superação das nacionalidades e de qualquer outro tipo de mistificação.

## Agradecimentos

Agradeço à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Estadual de Goiás.

## Referências

ARRIGHI, Giovanni. **Adam Smith em Pequim**: origens e fundamentos do século XXI. São Paulo: Boitempo, 2008.

ARRIGHI, Giovanni. **O longo século XX**: dinheiro, poder e as origens do nosso tempo. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Editora UNESP, 1996.

CARNEIRO, Flávio Lyrio. A parceria Transpacífica: principais características e impactos sobre a regulação do comércio mundial. **Boletim de Economia e Política Internacional**, BEPI, n. 18, Set./Dez. 2014







FERNANDES, Marcelo Pereira; WEGNER, Rubia Cristina. Expansão da China e imperialismo – uma breve elucidação. **Oikos**, 17 (3): 31-41. Disponível em: <http://revistaokos.org/seer/index.php/oikos/article/view/513/284> Acesso em: 19 abr. 2021.

FIORI, José Luís. Sobre o poder global. **Novos Estudos**, 73, nov. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/nec/n73/a05n73.pdf> Acesso em: 19 abr. 2021.

GABRIELE, Alberto; SCHETTINO, Francesco. “Market socialism as a distinct socioeconomic formation internal to the modern mode of production”. **New Proposals: Journal of Marxism and Interdisciplinary Inquiry**, 5 (2): 20-50. Disponível em: [https://mpira.ub.uni-muenchen.de/7942/1/MPRA\\_paper\\_7942.pdf](https://mpira.ub.uni-muenchen.de/7942/1/MPRA_paper_7942.pdf).> Acesso em: 23 mar. 2021.

JABBOUR, Elias. **China: socialismo e desenvolvimento – sete décadas depois**. São Paulo: Anita Garibaldi; Fundação Maurício Grabois, 2019.

LUXEMBURGO, Rosa. **A acumulação do capital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

MANZI, Rafael Henrique Dias. A ordem econômica internacional no pós-guerra fria: da transição uni- multipolar à acomodação institucional do resto e do G8 emergente. **Tese de Doutorado**. Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais. Universidade de Brasília. 2018.

OSÓRIO, Jaime. Padrão de reprodução do capital: uma proposta teórica. In: C. Ferreira, J. Osório & M. Luce (orgs.). **Padrão de reprodução do capital: contribuições da teoria marxista da dependência**. São Paulo, SP: Boitempo, 2012.

ROUSSET, Pierre. **From whence did the new Chinese capitalism emerge? “Bourgeoisification” of the bureaucracy and globalization**. Europe Solidaire Sans Frontières. 2014. Disponível em: <http://europe-solidaire.org/spip.php?article32325> Acesso em: 19 abr. 2021.

SLIPAK, A. América Latina y China: ¿cooperación Sur-Sur o “Consenso de Beijing”? **Nueva Sociedad**, 250, 102-113, 2014. Disponível em: <https://nuso.org/articulo/america-latina-y-china-cooperacion-sur-sur-o-consenso-de-beijing/>> Acesso em: 19 abr. 2021.

STUENKEL, Oliver. **O mundo pós-ocidental: potências emergentes e a nova ordem global**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

TRAGTENBERG, Maurício. **Reflexões sobre o socialismo**. 8ª ed. São Paulo: Editora UNESP, 2008.





VIANA, Nildo. Marxismo original e utopia. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 186, nov. 2016. pp. 71-83.

WALLERSTEIN, Immanuel. **Capitalismo histórico e civilização capitalista**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

XAVIER, Glauber. **A lanterna chinesa**: economia e geopolítica em tempos de pandemia. Independently Published, 2021. Disponível em: <<https://www.amazon.com.br/LANTERNA-CHINESA-ECONOMIA-GEOPOL%C3%8DTICA-PANDEMIA-ebook/dp/B08WRDZ78V>>.

XAVIER, Glauber Lopes. Os investimentos chineses na América Latina e a geopolítica mundial. Trabalho apresentado no **XVI Seminário Internacional de la Red Iberoamericana de Investigadores sobre Globalización y Territorio**. Blumenau, SC, Brasil. 25 a 27 de novembro de 2020.

#### X. Páginas Consultadas

Folha de São Paulo. **Gasto militar global tem o maior aumento da década em 2019**. Igor Gielow. São Paulo. 14 fev. 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/02/gasto-militar-tem-maior-aumento-da-decada-no-mundo.shtml>> Acesso em: 19 abr. 2021.

